

teatro

lionel fischer

“O pequeno Eyolf”

O homem em transformação

Divulgação

Um dos pilares da dramaturgia mundial, Henrik Ibsen deixou uma obra vasta e diversificada, sendo presente, “O pequeno Eyolf” (Centro Cultural Justiça Federal), uma de suas últimas criações. Tendo como tema central a possibilidade de transformação do homem, ainda que sempre ameaçada por culpas ou remorsos, a peça chega à cena com direção de Paulo de Moraes, estando o elenco formado por Luciana Braga (Asta), Samir Murad (Alfred), Tânia Pires (Rita), João Vitti (Borghheim e Mulher dos Ratos) e Viviane Coutinho (Eyolf).

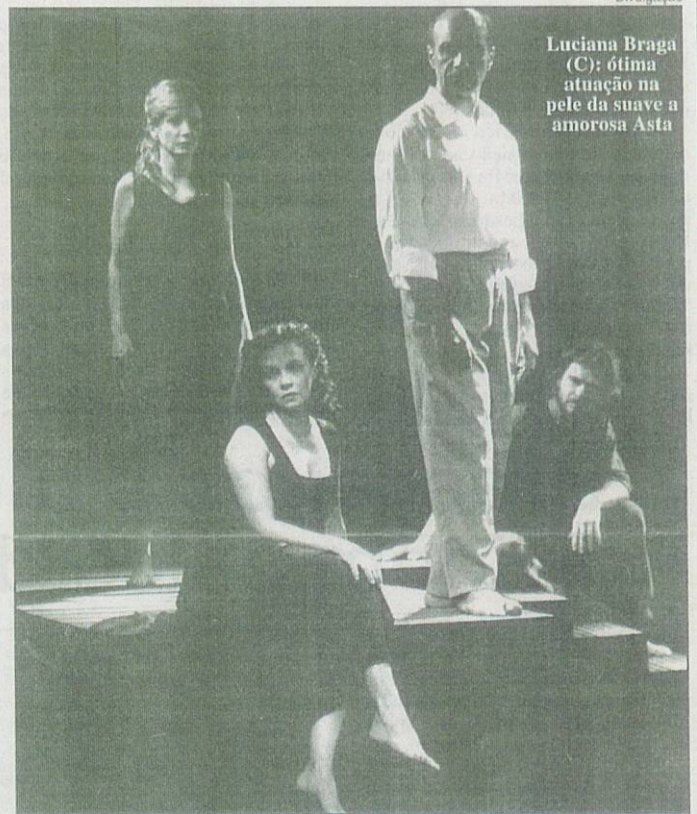
Como fazia Dostoievski em seus romances, Ibsen leva às últimas conseqüências os temas que aborda, exibindo extraordinária capacidade de compreender as motivações mais obscuras que regem o comportamento humano. Aqui, conflitos existenciais, filosóficos e pessoais se mesclam todo o tempo, daí resultando uma obra densa e profundamente emocionante, ainda que não se inclua entre suas maiores criações - dentre elas, podemos citar “Um inimigo do povo”, “O pato selvagem”, “Hedda Gabler”, “Solness, o construtor”, “Romersholm” e “Os espectros”.

Certamente consciente de que Ibsen, para ser devidamente compreendido, não comporta qualquer tipo de mirabolância formal, Paulo de Moraes optou por impor à cena uma mescla de

sobriedade e despojamento, o que contribuiu decisivamente para que a platéia apreenda todos os conteúdos em jogo. Sem deixar de exibir criatividade, a montagem tem o mérito (um tanto raro, hoje em dia) de não pretender ser mais “interessante” do que o material dramaturgicamente que lhe deu origem, cabendo também destacar a atuação de Moraes junto ao elenco - sem atores qualificados e bem dirigidos, Ibsen pode ser completamente desfigurado.

Samir Murad convence plenamente na pele do atormentado Alfred, só devendo ter um certo cuidado no tocante ao seu trabalho de corpo, por vezes um tanto exacerbado. Luciana Braga exibe ótima performance na pele da suave, amorosa e conflitada Asta, com Tânia Pires conseguindo valorizar de forma vigorosa todas as carências da amargurada Rita. João Vitti está impecável nos dois personagens que interpreta, sendo o jovem Eyolf vivido com sensibilidade por Viviane Coutinho.

Com relação à equipe técnica, Maneco Quinderé assina uma iluminação brilhante, em total sintonia com os múltiplos climas emocionais em jogo, sem jamais abusar de efeitos desnecessários. Outro destaque fica por conta da sóbria, soturna e criativa cenografia do diretor em parceria com Carla Berri. Igualmente muito bons os figurinos de Sérgio Ennes, o mesmo



Luciana Braga (C): ótima atuação na pele da suave e amorosa Asta

aplicando-se à expressiva trilha sonora de Moraes - cabe ainda destacar a preparação corporal de Patrícia Selonk e a vocal, levada a cabo por Simone Mazzer.

O PEQUENO EYOLF - Texto de Ibsen. Direção de Paulo de Moraes. Com Luciana Braga, Samir Murad e outros. Centro Cultural Justiça Federal. Quinta a domingo, 20h.

lionelfischer54@hotmail.com

Hollywood vai processar internautas

SÃO PAULO - Depois de sofrer alguns reveses judiciais contra os donos de redes de trocas de arquivos na internet, mais conhecidas por ponto-a-ponto (P2P, sigla em inglês), a associação da indústria cinematográfica (MPAA), resolveu mudar de estratégia. Agora, a entidade que congrega alguns dos maiores estúdios

de Hollywood, aponta sua artilharia na direção dos usuários daquelas redes, a exemplo do que fez a RIAA (associação das gravadoras norte-americanas) no ano passado. Desse modo, ela espera reduzir a troca de conteúdos digitais que violam os direitos autorais.

Em comunicado oficial, Steve

Solot, presidente da MPAA, disse que a troca ilegal de filmes representa a maior ameaça ao negócio cinematográfico em toda a sua história. Segundo ele, a produção, distribuição e marketing de cada filme custa em média 143 milhões de dólares e que diariamente são trocados e descarregados ilegalmente entre 115 e 148

mil filmes. A MPAA iniciará os nove processos civis a partir do dia 10 contra internautas não identificados, chamados no sistema americano por “Joh Doe”. Não ficou claro, porém, se os processados serão apenas os que fazem download de arquivos ou que disponibilizam bibliotecas de filmes.